

As cores da natureza: uma experiência com a produção de tintas naturais na educação infantil

The colors of nature: an experience with the production of natural paints in early child education

☺ **Milena Oliveira**

Pedagoga, possui especialização em docência na educação infantil pela Universidade de Brasília e mestranda em Artes na Universidade de Brasília

☺ **Estudantes do 2º período A**

Jardim de Infância 106 Norte, Coordenação Regional de Ensino do Plano Piloto, SEEDF

Resumo: Pretende-se com esse relato de experiência dialogar sobre uma vivência com as cores que podem ser extraídas de elementos da natureza. O objetivo é levar as crianças à descoberta dos processos envolvidos na extração das cores de elementos da natureza, bem como da produção de tintas naturais, além de estimular a criatividade e expressão artística por meio do desenho e da pintura com as cores produzidas. Para tal, foram realizadas rodas de conversas, nas quais foram discutidos assuntos relacionados ao tema; foram realizadas caminhadas pelos arredores da instituição para observar as cores na natureza; coleta de elementos da natureza durante a caminhada; produção de tintas com os elementos naturais coletados; pinturas e desenhos com as tintas produzidas. Cada etapa foi seguida por roda de conversa para discussão e consolidação das descobertas realizadas. A revisão bibliográfica apontou para alguns documentos legais que norteiam a educação infantil e que discutem a importância de projetos de investigação na educação infantil, bem como a importância da professora mediadora dos processos de aprendizagem. Como procedimento metodológico foram utilizados a observação, rodas de conversa e registros fotográficos. Os resultados apontaram para um maior engajamento das crianças ao vivenciar um processo com início, meio e fim. Apontaram ainda para aprendizagens mais significativas ao colocar a criança como protagonista e colaboradora na construção do conhecimento.



Imagem de Brin Weins por Pixabay



Abstract: This experience describes an experience with colors that can be extracted from elements of nature. The objective is to lead children to the discovery of the processes involved in the extraction of colors from elements of nature, as well as the production of natural paints, and also, to stimulate creativity and artistic expression through drawing and painting with the colors produced. To this end, conversation circles were held, in which subjects related to the theme were discussed; walks were carried out around the institution to observe the colors in nature; collection of elements from nature during the walk; production of paints with collected natural elements; paints and drawings with the inks produced. Each step was followed by a conversation circle to discuss and consolidate the findings. The bibliographic review pointed to some legal documents that guide early childhood education and that discuss the importance of research projects in early childhood education, as well as the importance of the teacher as a mediator of the learning processes. As a methodological procedure, observation, conversation circles and photographic records were used. The results pointed to a greater engagement of children when experiencing a process with a beginning, middle and end. They also pointed to more significant learning by placing the child as a protagonist and collaborator in the construction of knowledge.

Keywords: Art. Colors. Experiences. Discoveries. Child education.

Introdução

“Como o arroz da galinhada fica amarelo? Elas colocam tinta?”. Esses foram os questionamentos de uma criança na sala durante o lanche que instigou um processo de investigação que durou cerca de um mês e meio no jardim de infância localizado na Asa Norte, em Brasília - DF. O Jardim de Infância 106 Norte é uma escola com cinco salas de aula que atende cerca de 200 crianças nos turnos matutino e vespertino.

A gestão da escola apoia e incentiva as vivências de descobertas realizadas pelas crianças com a mediação da professora e o fazer artístico, tanto das crianças como do corpo docente. Nossas coordenações coletivas são recheadas de momentos de estudo, discussão e muita experimentação artística, pois só quando uma professora é tocada pela arte, ela é capaz de transmiti-la para seus estudantes. Um ateliê foi montado para que as crianças pudessem experimentar diversos materiais e formas de expressão sem medo de errar e se sujar.

E foi assim, já encantada pelas artes e pela natureza e instigada pelo questionamento acima referido que iniciei com a minha turma um lindo processo de descoberta das cores que podem ser extraídas de elementos da natureza. A turma é composta por 15 estudantes, pois faz parte da integração inversa – turma reduzida constituída por estudantes regulares e por estudantes com necessidades especiais. Os estudantes se envolveram com muito empenho, curiosidade e encantamento, próprios da natureza infantil. O projeto buscou aguçar o sentido de observação das cores da natureza e a investigação do processo de produção de tinta com elementos naturais. O objetivo geral foi investigar que cores podemos produzir utilizando elementos da natureza e o processo de produção de tintas naturais.

Desenvolvimento

Para alcançar os objetivos do projeto fez-se necessário realizar caminhadas pelos arredores da instituição para observação das cores na natureza, os passeios fizeram parte do ritmo semanal da turma, que para além da observação da natureza, puderam ainda perceber as mudanças

climáticas ao longo do tempo, os bichinhos e insetos, as placas, letras e números, entre outros. A partir dessas caminhadas semanais surgiram diversas conversas e curiosidades, sobre as quais as crianças levantaram muitas hipóteses. Durante as caminhadas foram realizadas coletas de elementos da natureza para testar se conseguiríamos ou não extrair cores de tais elementos e que cores surgiriam, outras vezes a proposta veio da professora que conduziu o processo de investigação com as crianças.

Na tentativa de responder ao questionamento levantado pela estudante, iniciei o processo pelo levantamento das hipóteses. Perguntei ao grupo no momento da roda de conversa, o que eles achavam que fazia com o que o arroz de galinhada ficasse amarelo e logo começou a discussão. “É tinta amarela”, disse um estudante, ao que outro logo rebateu: “é claro que não é tinta, tinta é veneno, se a gente comer tinta, morre”. E outra criança então falou “deve ser algum tempero, mas eu não sei o nome” e a partir daí a conversa ganhou outro rumo de comidas favoritas, bem típico dessa faixa etária. Eu, como mediadora do processo, trouxe as crianças para a discussão novamente e expliquei que era realmente um tempero conhecido como açafrão ou cúrcuma, falei que era um raiz que nascia na terra e a partir dessa raiz que se extrai o tempero que vai na galinhada. O assunto parou por aí. No fim do dia, ao relatar o fato para a diretora da escola, ela me informou que havia nos fundos da escola um vaso no qual ela havia plantado uma muda justamente de cúrcuma e que já estava na hora de colher.

No dia seguinte, relembrei a nossa conversa, contei a novidade que eu acabara de descobrir e levei as crianças para a colheita. Elas se empolgaram bastante com o cavar da terra e demonstraram muita curiosidade em descobrir o que havia lá debaixo. Após um tempo cavando, finalmente encontramos as raízes, colhemos alguns pedaços da cúrcuma e voltamos para a sala, onde todas as crianças puderam tocar, sentir o cheiro, experimentar e explorar esse elemento da natureza como um material de produção artística.

Em um outro momento, levei para a sala o pó de açafrão e contei um pouco do seu processo de produção, disse que aquele era o pó que as cozinheiras colocavam na galinhada para que ela ficasse amarela e gostosa. Disse ainda que

provavelmente, em casa a mamãe ou o papai usavam outros temperos que também dão cor aos alimentos e pedi para que fizessem uma pesquisa em casa.

Surgiu então a ideia de prepararmos a nossa própria tinta. Novamente, no momento da roda de conversa, perguntei como eles achavam que poderíamos preparar tintas naturais. De novo, muitas hipóteses foram levantadas e após algum tempo de conversa resolvemos testar a hipótese mais provável: misturar o pó com água. Após misturar o pó de cúrcuma com a água, as crianças quiseram pintar para verificar se tinha dado certo. Desse modo, puderam se expressar e criar com a tinta feita por eles mesmos. O espanto e o encantamento foram gerais, eles se envolveram com o processo e ficaram impressionados com o resultado que encontraram. Uma criança disse: “professora, eu não sabia que a gente podia fazer nossa própria tinta”. O amarelo vibrante da cúrcuma deu vida a belas criações artísticas. Na Figura 1 podemos ver algumas pinturas realizadas pelas crianças com as tintas produzidas.

No dia seguinte, uma das crianças que havia feito a pesquisa proposta disse ao grupo que a mãe usava colorau na comida. Fui atrás de um pé de urucum e levei para a sala para novas explorações. Assim como fizemos com a cúrcuma, eles puderam tocar, cheirar, experimentar, riscar, desenhar e o melhor de tudo, puderam explorar a pintura corporal, assim como os indígenas. Passamos por todos os processos desde abrir, tirar as sementes, até usar o pilão para extrair o pó, peneirar e preparar a tinta.

Um novo questionamento surge enquanto trabalham muito compenetrados com todo o processo de preparação da tinta de urucum: “o que mais podemos usar para fazer tinta?”. As crianças trouxeram várias sugestões, outras foram sugeridas por mim e desse modo, fizemos diversas experimentações. Nossas caminhadas semanais, ganharam um elemento a mais e quase tudo que as crianças viam, queriam levar para a sala e testar para ver se conseguiríamos extrair pigmento. Assim o fizemos com folhas, flores, terras de diferentes tonalidades, carvão, sementes, entre outros. Esse rico processo durou cerca de um mês e meio e paralelamente fomos trabalhando diversos temas correlatos. Foi um processo muito rico,



Figura 1 – Pinturas e tintas feitas com elementos da natureza. Fonte: acervo pessoal da autora, 2022.



Figura 2 – Pinturas com tintas naturais. Fonte: acervo pessoal da autora, 2022.

cheio de encantamento, descobertas, curiosidade e aprendizagens. Na Figura 2 podemos ver mais algumas pinturas realizadas pelas crianças com as tintas produzidas em sala de aula com elementos da natureza.

A curiosidade infantil e a professora mediadora

De acordo com o currículo em movimento do Distrito Federal para a educação infantil

[...] a criança, desde pequena, busca compreender, assim como o cientista, o mundo ao seu redor, partindo de sentimentos de admiração, encantamento e curiosidade diante dele. Esses sentimentos devem ser nutridos pelos adultos, que, intencionalmente, planejam propostas de pesquisa, investigação, exploração, constatação e refutação de ideais acerca do mundo, proporcionando atividades que estimulem a resolução de problemas inerentes à fase e ao contexto das crianças. (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 94).

É nesse sentido que a legitimidade do processo de descoberta de produção de tintas com elementos da natureza se justifica e demonstra a grandeza e a potência das aprendizagens realizadas em conjunto. O papel da professora como mediadora, e não como impositora de conteúdos, é fundamental para uma educação infantil viva, cheia de aprendizagens e com significado para as crianças, pois surgiu do interesse delas, os pequenos cientistas, cheios de curiosidades e desejos de conhecer o mundo. De acordo com Cordi (2018), os educadores devem acolher, valorizar e ampliar a curiosidade, as explorações, as propostas das crianças e criarem situações de aprendizagens, com o intuito de organizar as descobertas das crianças.

Deheinzelin, Monteiro e Castanho (2018) afirmam que “os projetos com foco na investigação colocam as crianças como protagonistas de suas aprendizagens” (p. 267). O currículo em movimento da SEEDF, baseados na Psicologia Histórico-Cultural e Pedagogia Histórico Crítica, nos fala da importância da criança como protagonista, e nos apresenta a criança como “sujeitos de direito, que têm necessidades próprias, que manifestam opiniões e desejos de acordo com seu contexto social e sua história de vida.” (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 22). As autoras supracitadas afirmam ainda que os projetos de investigação permitem

[...] à criança interagir com suas narrativas e expressões, interpretá-las e relacioná-las com os objetivos do projeto. E, ainda, oferece condições para que elas tomem decisões sobre o desenho e o desenvolvimento do projeto e, assim, participem de uma construção compartilhada de saberes. (DEHEINZELIN, MONTEIRO E CASTANHO, 2018, p.267).

Foi justamente com essa intencionalidade pedagógica em mente que dei prosseguimento a esse projeto de descoberta das cores na natureza e assim pudemos trabalhar de modo colaborativo na construção de saberes.

O papel da mediação é muito importante, pois para Deheinzelin, Monteiro e Castanho (2018) cabe à professora “criar contextos de interação com situações que desafiem o pensamento da criança e propor questões que instiguem sua curiosidade favorecem a ampliação de seus saberes e o desenvolvimento de sua criatividade e criticidade.” (p. 267). A sensibilidade e a escuta atenta também foram essenciais para o desenvolvimento desse

projeto. A construção do conhecimento foi sendo tecida à medida que os questionamentos e falas das crianças iam surgindo. Essa e tantas outras vivências que experimentamos ao longo desse ano não teriam acontecido se as crianças não tivessem sido ouvidas e respeitadas em suas necessidades de conhecimento. Portanto valorizar os saberes das crianças, escutá-las e dar voz a curiosidade é papel da professora que deseja contribuir para uma educação infantil rica em aprendizagens significativas, vivenciais e potentes de criação e aprendizagem.

Considerações finais

A experiência de construção de saberes de modo colaborativo, tendo a criança como centro do planejamento, valorizando a sua curiosidade e seu interesse, escutando e aprendendo em conjunto, ressalta a importância da escuta atenta e sensível aos desejos de aprendizagens das crianças, bem como o papel de mediadora da professora de educação infantil.

O encantamento peculiar das crianças nessa idade e o desejo de conhecer e transformar o mundo que estão conhecendo merecem e devem ser reconhecidos e valorizados pelos educadores. Assumir o papel de mediadora das aprendizagens é um grande aprendizado que precisa cada vez mais ganhar espaço nas instituições de educação da primeira infância.

Fica o convite para que possamos revisitar nossas práticas e atentar para o quanto de espaço destinamos às crianças em nosso dia a dia no ambiente escolar. Fica ainda o desejo de que elas, possam cada dia mais, se expressarem e serem ouvidas, conhecerem o mundo que o cerca e se encantarem, para assim aprenderem de um jeito leve, lúdico e cheio de acolhimento. 😊

Referências

- DISTRITO FEDERAL. **Currículo em Movimento do Distrito Federal Educação Infantil**. Secretaria de Estado da Educação, 2018.
- CORDI, Angela. **Pé de brincadeira**. Curitiba. Aprende Brasil, 2018.
- DEHEINZELIN, Monique. MONTEIRO, Priscila e CASTANHO, Ana Flávia. **Aprender com a criança: experiência e conhecimento**. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2018.